

PEQUENAS CONFISSÕES



**Georgina
Martins**

SINOPSE

Liliana mora com os pais em uma casa pequena, cheia de goteiras, nos fundos da casa dos primos. Como a casa fica próxima ao morro Boogie Woogie, todos vivem com medo de desabamento e ficam muito assustados em dia de temporal. Liliana gosta muito de brincar com sua boneca chamada Delinha e com um pé de jasmim. Com a força da imaginação, ela consegue amenizar a dura realidade do mundo à sua volta. De forte cunho social, esta envolvente e delicada narrativa de Georgina Martins certamente vai mexer com a emoção do leitor.

PALAVRAS DO AUTOR

Sou Georgina, tenho 49 anos e gosto muito de inventar histórias. Para isso misturo pedaços da vida real com pedaços que invento. Só sei escrever desse jeito. Entretanto, muitas vezes, no final de cada uma dessas histórias, eu acabo sempre muito confusa, sem saber direito o que foi real e o que foi inventado. Como neste livro, por exemplo, em que misturei coisas que aconteceram na minha infância, quando ganhei a minha primeira boneca, com fatos que inventei.

Delinha foi a minha primeira boneca. Ela era quase do meu tamanho. Até hoje lembro do dia em que fomos, eu, meu pai e minha mãe, à loja de brinquedos, para que eu escolhesse uma boneca. Nessa época eu estava com quatro anos.

Meu pai teve de fazer uma prestação para comprar a Delinha, porque o salário dele não dava para quase nada. Minha mãe, com medo de que as outras meninas estragassem a minha boneca, a escondia no armário e dizia: "A Delinha estava com saudades da mãe dela, e foi visitá-la. Depois ela volta.". Eu também ficava com saudades da minha boneca.

Este livro é uma homenagem à Delinha, ao meu pai, que já morreu, e à minha mãe, que toma conta da Delinha até hoje.

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Salmo Dansa

Formato: 18 x 26 cm

Número de páginas: 32

Coleção: *Hora viva*

ISBN: 978-85-7472-850-6

Indicação: A partir de 9 anos

PEQUENAS CONFISSÕES



Georgina
Martins

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

PEQUENAS CONFISSÕES



Georgina
Martins

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

PEQUENAS CONFISSÕES



Georgina
Martins

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

PEQUENAS CONFISSÕES

Georgina
Martins



As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

PEQUENAS CONFISSÕES



Georgina
Martins

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

PEQUENAS CONFISSÕES



Georgina
Martins

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

PEQUENAS CONFISSÕES



**Georgina
Martins**

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o livro aos alunos e converse sobre o título: o que é uma confissão? Para quem podemos fazer confissões? Onde podemos escrever nossas confissões? Mencione o diário, espaço no qual é possível registrar nossos pensamentos, ideias, sentimentos, etc.
2. Ainda em relação ao título, instigue os alunos a imaginarem sobre o que é a história. Que hipóteses podem ser lançadas a partir da ideia de “pequenas confissões”? Deixe que cada um imagine e dê sua opinião sobre o que acha que encontrará no livro.
3. Proponha uma observação atenta da imagem da capa: quem podem ser aquelas duas pessoas? Serão elas as personagens principais da história? Em que cenário elas se encontram? Para que/onde estão olhando? Motive o grupo a imaginar o que está acontecendo na cena da capa e busque, então, ampliar as possibilidades de hipóteses sobre a narrativa, unindo esta imagem à exploração do título.
4. Aponte o nome da coleção, *Hora Viva*, e saliente sua concepção: “narrativas e poemas que abordam o cotidiano da criança e a convivência com os outros”. Diga aos alunos que o livro que lerão mostra exatamente o difícil cotidiano de uma menina, Liliana, e a relação de afeto que ela tem com sua única boneca e um perfumado pé de jasmim. Aguce a curiosidade da turma para saber mais sobre essa história, retomando a questão do cotidiano durante a exploração da leitura.

DURANTE A LEITURA

1. Levante questões que facilitem o entendimento da história pelos alunos e motive-os a expressarem suas dúvidas, impressões, etc, oralmente. O texto é longo e pode haver passagens e/ou palavras que necessitem de esclarecimentos. Proponha, então, uma leitura programada, segmentando a obra em partes em função de algum critério e propondo a leitura sequenciada de cada uma delas, esclarecendo dúvidas e oferecendo dados que julgar relevantes. Ao realizarem a leitura em partes, os alunos podem ser motivados a fazer antecipações sobre os possíveis desenvolvimentos da narrativa, criando expectativas para a leitura dos segmentos seguintes.
2. Solicite aos leitores que busquem elementos que caracterizam o espaço em que a narrativa se desenrola, questionando onde fica e como é a casa de Liliana. O que há de tão importante para a menina no terreno da casa? Qual é o nome do morro perto do qual ela se localiza? E o mangue, de que forma é descrito? Pergunte se alguém da turma já esteve em uma região de mangue e qual foi sua impressão. Compare eventuais relatos com os comentários que Liliana faz sobre o local.
3. Quais são os principais personagens da história e as suas características? Explore a forma como se comportam os personagens e o que tais comportamentos revelam sobre Liliana, sua

PEQUENAS CONFISSÕES

Georgina
Martins



mãe, seu pai, a garota Cecília. Qual a profissão do pai de Liliana? Qual era a maior preocupação de sua família? Por quê?

4. A vida de Liliana é muito dura e, para amenizar seu sofrimento, ela se refugia em sua imaginação. Qual é seu brinquedo preferido? Releia a p. 9 para trabalhar com a questão da fantasia, colocando perguntas sobre as histórias que Liliana inventava: como eram? Quem eram os personagens? O que acontecia no final? É possível estender a discussão, perguntando aos alunos se eles já usaram a imaginação para driblar um acontecimento ruim do seu dia a dia. A estratégia funcionou?

5. Leia com a turma o texto de apresentação do ilustrador e analise as ilustrações, atentando para os aspectos mencionados de cor e volume. Proponha aos leitores que observem a combinação das cores (ver p. 8-9; 14-15; 30-31, por exemplo). De que modo é feita a ligação entre texto, imagem, cor e fantasia? O que tem o sabonete Âmbar a ver com isso? O trabalho com volume produz efeitos na leitura? Incentive os alunos a expor suas opiniões de forma livre.

Compare a ilustração da capa com aquela das p. 26-27: que diferenças existem entre elas? A imagem é a mesma? A leitura da capa foi trabalhada na seção de preparação para leitura, como ponto de partida para a formulação de hipóteses sobre a narrativa. E agora, após a leitura, que sentido é possível atribuir a esta imagem? Ela ganha outra dimensão, é lida de forma distinta?

DEPOIS DA LEITURA

1. O pé de jasmim é um personagem importante do enredo. Pergunte ao grupo se alguém conhece esta árvore. Baseando-se na opinião da personagem Liliana, como deve ser o cheiro de suas flores? É possível levar para a sala uma gravura ou foto de um jasmineiro, ou ainda, levar uma flor para que os alunos sintam o perfume e comentem a atitude da menina de se perfumar com carocinhos e flores da árvore. Saliente que, na narrativa, o cheiro das flores do jasmim criava uma atmosfera perfumada que permitia à menina distanciar-se das agruras de sua realidade (“Um cheiro bom entrava pelas minhas narinas, me fazendo esquecer dos outros cheiros que brotavam da nossa pobreza”, p. 6). Questione o grupo sobre o poder do olfato: quem já se sentiu transportado para um outro mundo, ou lembrou de pessoas e acontecimentos somente a partir da percepção de um perfume ou de um odor característico?

2. Mesmo tendo várias bonecas, Cecília insistia em brincar com a única que Liliana possuía. Valendo-se de alguns artifícios, tentava convencer a prima a deixar a “sobrinha” dormir na casa da tia, ideia que não agradava Liliana, que obviamente não deixava que isso acontecesse.

Uma situação semelhante acontece no divertido poema de Olavo Bilac intitulado “A boneca”, do livro *O pássaro cativo: poesias infantis*. Nele, assim como acontece com Liliana e Cecília, duas meninas brigam por causa de uma boneca. Por fim, ambas acabam estragando-a e, por isso, têm que brincar com a bola e a peteca. Com um final divertido, o texto oferece também uma lição, já que nenhuma das duas pôde mais ter a boneca para brincar.

A boneca

Deixando a bola e a peteca,
Com que inda há pouco brincavam,

PEQUENAS CONFISSÕES



Georgina
Martins

Por causa de uma boneca,
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira: "É minha!"
— "É minha!" a outra gritava;
E nenhuma se continha,
Nem a boneca largava.

Quem mais sofria (coitada!)
Era a boneca. Já tinha
Toda a roupa estraçalhada,
E amarrotada a carinha.

Tanto puxaram por ela,
Que a pobre rasgou-se ao meio,
Perdendo a estopa amarela
Que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,
Voltando à bola e à peteca,
Ambas, por causa da briga,
Ficaram sem a boneca ...

3. O primeiro namorado, tanto de Liliana, como de Delinha, foi o pé de jasmim. Não raro, na infância, nutrimos um cuidado ou mesmo um amor tão grande por determinada coisa, seja ela um brinquedo, animal de estimação ou pessoa, que, comparando a situação passada, já com olhos crescidos, podemos compará-la a um namoro.

Estabeleça uma relação entre *Pequenas confissões* e o poema de Manuel Bandeira quando, em tom de brincadeira confessional, afirma: "— O meu porquinho-da-india foi a minha primeira namorada". No poema "Porquinho-da-índia", publicado no livro *Berimbau e outros poemas*, o animal é tratado com os maiores cuidados e regalias, mas continuava sempre querendo estar em baixo do fogão, para a frustração do narrador.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gilmar Falk Ferreira Brunetto, Jardel Pelissari Machado, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio